

HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA DO SKATE EM BLUMENAU/SC: ENTRE LIBERDADES E LIMITAÇÕES (1999 – 2009)

Camila Gonzaga da Luz Rocha¹
Leonardo Brandão²

RESUMO: Em Blumenau/SC, os primeiros registros da prática do skate aconteceram na década de 1970 e alguns fatos históricos posteriores marcaram a trajetória dos skatistas nesta cidade, sendo um dos mais relevantes a Lei n° 5211, que regulamentava o uso dos skates, bicicletas e similares na cidade, a qual ficou em vigor de 1999 a 2007. O fato é que essa Lei proibia a prática do skate nas vias públicas, impactando diretamente no direito à cidade dos cidadãos praticantes dessa atividade. Sendo assim, buscou-se compreender, através de entrevistas, como se efetivou o skate na cidade durante os anos desta Lei e nos anos subsequentes a sua revogação, enfatizando a construção e inauguração da pista de skate no Parque Ramiro Ruediger no ano de 2009.

PALAVRAS-CHAVE: Skate. Juventude. Blumenau.

HISTORY AND DEVELOPMENT OF SKATEBOARD PRACTICE IN BLUMENAU/SC: BETWEEN FREEDOMS AND LIMITATIONS (1999 – 2009)

ABSTRACT: In Blumenau/SC, the first records of skateboarding took place in the 1970s and some subsequent historical facts marked the trajectory of skateboarders in this city, one of the most relevant being Law No. 5211, which regulated the use of skateboards, bicycles and similar in the city, which was in force from 1999 to 2007. The fact is that this Law prohibited the practice of skateboarding on public roads, directly impacting the right to the city of city dwellers who practice this activity. Therefore, we sought to understand, through interviews, how skateboarding took place in the city during the years of this Law and in the years following its repeal, emphasizing the construction and inauguration of the skate park in Parque Ramiro Ruediger in 2009.

KEYWORDS: Skateboard. Youth. Blumenau.

HISTORIA Y DESARROLLO DE LA PRÁCTICA DEL SKATEBOARD EN BLUMENAU/SC: ENTRE LIBERTADES Y LIMITACIONES (1999 – 2009)

RESUMEN: En Blumenau/SC, los primeros registros del skate tuvieron lugar en la década de 1970 y algunos hechos históricos posteriores marcaron la trayectoria de los skaters en esta ciudad, siendo uno de los más relevantes la Ley n° 5211, que reguló el uso de monopatines, bicicletas y similar en la ciudad, que estuvo vigente desde 1999 hasta

¹ Universidade Regional de Blumenau. E-mail: cgluz@furb.br

² Universidade Regional de Blumenau. E-mail: leobrandao@furb.br

2007. Lo cierto es que esta Ley prohibía la práctica del skate en la vía pública, impactando directamente el derecho a la ciudad de los ciudadanos que practican esta actividad. Por lo tanto, buscamos comprender, a través de entrevistas, cómo se desarrolló el skate en la ciudad durante los años de esta Ley y en los años posteriores a su derogación, destacando la construcción e inauguración del skate park en el Parque Ramiro Ruediger en 2009.

PALABRAS CLAVE: Skate. Juventud. Blumenau.

Introdução

O barulho das rodinhas de skate pode ser ouvido já há décadas nas ruas da cidade de Blumenau/SC e elas, até os dias atuais, seguem ecoando o pulsar dessa cultura urbana, mas também desencadeiam debates que produzem avanços ou restrições regulatórias. A ocupação do espaço público realizada pelos skatistas encontra, por vezes, o choque com as normas estabelecidas, onde a criatividade se depara não apenas com obstáculos de concreto e metal, mas também de papel e caneta. No centro dessa controvérsia residiu, durante anos, a proibição do skate nas ruas, uma medida que questionou os limites da cidadinidade. Blumenau, assim como outras cidades do Brasil, enfrentou a proibição à prática do skatismo e este artigo busca justamente compreender o período do surgimento do skate em Blumenau até a construção da pista de skate no Parque Ramiro Ruediger, com o intuito de investigar o impacto das Leis nº 4492/95 e nº 5211/1999 que proibiram a atividade em logradouros e vias públicas entre os anos de 1999 e 2007.

Adentramos então, territórios neste município onde o skate se tornou mais do que uma atividade recreativa; se transformou em uma comunidade que enxerga o skate de diversas maneiras. Neste sentido a trajetória do skatismo no Brasil e em Blumenau/SC requer uma compreensão mais profunda dessa atividade, pois é fundamental não o categorizar somente como uma atividade esportiva, embora ele possa ser compreendido dessa maneira; a prática ao skate também incorpora outros elementos tão importantes quanto. Há skatistas que percebem o skatismo como atividade esportiva, outros como estilo de vida, outros ainda como profissão, como lazer, como espaço de socialização, ou ainda

como tudo isso, ou nada disso, ou muito mais. O skate se tornou e se enraíza sobre várias multiplicidades de olhares e corpos que dele se utilizam e que por ele também são transformados.

Sendo assim, a primeira proposta é que se utilize a palavra skatismo no plural, ou seja, Skatismos. Tal estratégia visa contemplar os diversos perfis, modalidades e territórios que essa atividade permeia. Enquanto atividade esportiva, cabe salientar a grande repercussão que o skate tem alcançado nos últimos anos, especialmente quando o Comitê Olímpico Internacional (COI), anunciou em 2016 a inclusão (através da modalidade street e park) nas olimpíadas (Machado, 2017). Há também um crescimento exponencial do mercado do skate³, dos investimentos em construções de pistas e patrocínio a skatistas profissionais.

Examinaremos aqui o embate constante com autoridades municipais e as regulamentações que visaram restringir sua presença nas ruas. Ao fazer isso, exploraremos não apenas os desafios enfrentados pela comunidade skatista, mas também as questões mais amplas de acesso, permanência e direito à cidade. O fato é que, desde sua origem despreziosa, em que se desmontavam patins para montar skates, este evoluiu muito não só como atividade esportiva, mas também impactando sociabilidades e causando influência sobre a moda, a música e a arte de modo geral.

Sendo assim, em Blumenau/SC, os primeiros registros desta atividade aconteceram na década de 1970, acompanhando a inserção e expansão do skate em grandes centros do território brasileiro (Brandão, 2016). Ao observar o município e a história do skate nesse território, é possível destacar alguns marcos importantes. Um deles foi a Lei nº 5211 que regulamentava o uso dos skates, bicicletas e similares na cidade, que ficou em vigor de 1999 a 2007, antes de 1999 a prática já era coibida pela Lei nº 4492/95, pois essa Lei já proibia a prática do skate em algumas

³ Conforme divulgado na reportagem houve aumento de 57% em artigos de skate, assim como a procura pela palavra “skate” nas plataformas e a busca por aulas de skate. LUCA, Adriana de. Vendas de artigos de skate crescem 57% após as Olimpíadas. CNN Brasil. São Paulo, 14 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/vendas-de-artigos-de-skate-crescem-57-apos-as-olimpiadas/>>. Acesso em: 22 nov. 2023.

vias públicas, entretanto em pouco tempo começou a ser aplicada em toda a cidade.

Materiais e métodos

O primeiro recurso que se utilizou para a realização desta pesquisa foi a revisão bibliográfica, considerando especialmente autores e textos que norteassem as questões estudadas. Simultaneamente a essa revisão, houve a pesquisa aplicada através de entrevistas semiestruturadas. Para auxiliar na compreensão da temática, outras técnicas foram incorporadas, tais como: a captação de registros fotográficos, diário de campo, observação livre, levantamento de documentos, arquivos, notícias e imagens que foram cedidas pelos próprios skatistas e entrevistados para caracterizar os vários períodos históricos dos skatismos em Blumenau/SC. Os registros foram realizados nos territórios onde essa pesquisa foi aplicada e nos eventos e campeonatos de skate em que houve a participação dos pesquisadores.

A abordagem da pesquisa foi qualitativa, de modo que a quantidade de respostas não fosse a ferramenta exclusiva de garantia de efetividade do estudo, mas que a escolha dos entrevistados fosse assertiva. Sendo assim, a escolha dos skatistas entrevistados ocorreu especialmente levando em consideração a participação e o envolvimento do entrevistado com o skate e com a história desta atividade em Blumenau/SC. Portanto, a pesquisa qualitativa “não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade” (Deslandes, 1994, p. 43). A listagem da coleta de dados contou com o número de trinta e cinco pessoas. A amostragem foi por acessibilidade e/ou aleatória simples, ou seja, corresponde à participação dos convidados do universo. Todos os skatistas correspondentes ao universo que desejaram responder às perguntas da entrevista foram também considerados como amostragem.

A finalidade da pesquisa foi exploratória, pois entende-se que ela tem “o propósito de proporcionar melhor compreensão do problema, gerar hipóteses e fornecer elementos para a construção de instrumentos de

coleta de dados” (Gil, 1994, p. 133). A natureza da pesquisa foi de caráter teórico-empírico, “respeitando a especificidade da cultura que traz em si e, de forma complexa, os traços dos acontecimentos de curta, média e longa duração, expressos em seus bens materiais e simbólicos” (Minayo, 2007, p. 39). O método aplicado na pesquisa foi o estudo de caso, que é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade.

Discussões

Quando a pergunta é “Como e quando você começou a andar de skate?” muitos skatistas parecem fazer uma viagem no tempo e espaço, buscando na memória um tempo distante e ao mesmo tempo tão presente. Muitos deles relatam que não tinham um equipamento adequado quando começaram a praticar esta atividade. Nestes primeiros anos dos skatismos, é preciso levar em consideração que o skate não era um produto fácil de ser adquirido; nesse sentido, as histórias são inúmeras sobre como se começou, de quem se ganhou o primeiro skate e como eram os materiais. Alguns skatistas relembram que ganharam dos pais ou parentes e que esses skates normalmente eram de uma marca ruim e com materiais que não permitiam muito avanço, como rodas *rala-coco*, praticamente de plástico, o que fazia com que o skate não deslizesse, independente do solo. Nesses primeiros anos as marcas mais conhecidas eram a Bandeirantes e a Icap. Alguns ainda relatam que montaram o próprio skate com madeiras e com rodas e eixos de patins, normalmente de irmãs ou primas que praticavam essa atividade.

Um pequeno número de skatistas relata ter conseguido skates bons ao irem ao exterior ou quando amigos e conhecidos viajavam para fora do país e conseguiam trazer peças. A maioria falou que com o passar do tempo o comércio local também foi se expandindo e trazendo mais materiais para a prática. O que fica evidente dentro das entrevistas realizadas e das conversas informais nos eventos e campeonatos de skate que participamos é que o acesso à prática dos skatismos pode ter sido

diferente entre os entrevistados, entretanto a forma de apresentação do skate aos futuros skatistas foi sempre a mesma: através da brincadeira.

O primeiro ponto em comum entre os entrevistados é que começaram a explorar o universo do skate muito novos, entre a infância e adolescência, onde o skate era descoberto a partir do envolvimento lúdico e de forma despretensiosa no seu uso. Essa relação entre a inserção do skate a partir da diversão e do lazer é o ponto central que une as histórias contadas por diferentes gerações e modalidades do skate na cidade de Blumenau/SC.

A prática estava associada à liberdade, aqui também analisada como liberdade na forma de se movimentar e desbravar as múltiplas formas e jeitos de se utilizar o skate. Para ajudar nessa compreensão do skate como possibilidade de lazer, Tubino (2017), quando escreve sobre o que é o esporte, também traz a perspectiva de observá-lo como lazer ou participação. No trecho a seguir, ele escreve que:

O esporte-lazer ou esporte-participação, por sua vez, se apoia no princípio do prazer lúdico, no próprio lazer e na utilização construtiva do tempo livre e da liberdade. Esta manifestação esportiva ou de qualquer tipo tem na participação o seu sentido maior, podendo promover por meio dela o bem-estar dos praticantes, que é sua verdadeira finalidade. O esporte-lazer, pelo envolvimento das pessoas nas atividades prazerosas que oferece, ainda proporciona o desenvolvimento de um espírito comunitário, de integração social, fortalecendo parcerias e relações pessoais. Ele propicia o surgimento de uma prática esportiva democrática, já que não privilegia os talentos, permitindo o acesso de todos (Tubino, 2017, p. 27-28).

Nessas primeiras décadas do desenvolvimento do skate em Blumenau/SC, entre final da década de 1970 e final da década de 1990, alguns elementos específicos são relevantes para a análise de como era o skate na cidade. O primeiro elemento é que havia uma comunicação muito mais lenta e processual entre o que acontecia no skate pelo mundo e como ele chegava ou era traduzido aqui na cidade. Dessa forma, os vídeos de skate também não eram acessíveis como atualmente. Isso fazia

com que a prática do skate fosse muito intuitiva e com uma evolução gradual. No entanto, muitos skatistas *old school*⁴ relatam que, por essa experiência mais “lenta e demorada” durante o aprendizado das manobras, conseguiram fazer com que a sua base⁵ ficasse mais forte.

Aqui, cabe analisar de forma sucinta que o atual panorama expresso pelo aumento das competições e do recente ingresso nas Olimpíadas também gera olhares distintos sobre esse entendimento de que o skate é diversão e lazer. Um dos skatistas históricos que foi entrevistado relatou que observa crianças nas pistas que estão muito focadas nas manobras e esquecem da importância de se divertir ao estar numa sessão⁶. No entanto, esse mesmo skatista não deixa de evidenciar que hoje há um progresso maior com o acesso aos vídeos de skate e manobras, com as trocas de experiências entre os skatistas mais velhos e quem está começando nesta atividade.

O segundo elemento dessas décadas iniciais é a comunicação também lenta e processual entre os skatistas na própria cidade de Blumenau. Vários skatistas relataram que a experiência quando conheceram o skate era concentrada na rua e bairro em que residiam ou com amigos da escola em que estavam matriculados. Era pequena a experiência num primeiro momento de se deslocar pela cidade. Na pesquisa foram identificados alguns bairros e territórios em que o skate começava a surgir de forma mais concentrada, todos eles ainda antes da Prainha⁷, sendo que as principais localidades citadas foram os bairros do Garcia, da Velha e do Boa Vista. A comunicação, ainda sem Internet e celulares, formatou pequenos grupos que mantinham proximidade geográfica.

Além da segmentação por bairros e localidades, há também um terceiro elemento que inclusive é presente até hoje na cena do skate em

⁴ *Old School* significa a “Velha Escolha”, neste caso, faz referência a primeira geração de skatistas de Blumenau/SC.

⁵ Isto é, relatam que se aprimoraram nas técnicas essenciais do skate, como o equilíbrio, velocidade, manobras básicas, entre outros.

⁶ Sessão ou *Session* significa no vocabulário skatista a representação de sair para andar de skate.

⁷ Nas próximas páginas abordaremos a Prainha com mais profundidade.

Blumenau, que são as *crews*⁸ e a divisão também por modalidade. É evidente que na história dos skatismos no mundo houve várias transformações, entre elas as diferentes possibilidades na utilização do skate que se consolidou com as várias modalidades.

Na história do skate em Blumenau pode-se acompanhar três modalidades mais evidentes. A primeira foi o skate *downhill*, que ocupou boa parte desses primeiros anos no skate no município. O *downhill* consiste em descer ladeiras e o território geográfico em Blumenau era propício por conta de algumas ruas terem um bom declive. Pode-se dizer que parte dessa *crew* também estava ligada ao surfe e por isso, essa *galera* que utilizava das ruas como ladeira, posteriormente também embarcou na onda da modalidade do skate *bowl*, que surgiu após jovens de *Dogtown*, na Califórnia, se aventurarem em piscinas com fundo redondo e que estavam vazias por conta da seca na região em meados da década de 1970 (Brandão, 2011, p. 65).

No dia 14 de agosto de 1976, o Jornal de Santa Catarina⁹, publicou uma matéria sobre o primeiro campeonato de skate. Na reportagem o texto relata que “adolescentes blumenauenses estão largando os antigos patins e aderindo à novidade do skate” e reforça a dificuldade de acesso aos equipamentos e a modalidade *downhill*:

Aqui não era praticado devido à falta das pranchas em lojas especializadas. Trazido por pessoas de outras cidades onde o esporte já havia sido difundido anteriormente, o skate foi plenamente aceito. Aproximadamente 30 deles já são encontrados diariamente pelas ladeiras da cidade, e o esporte tende a difundir-se cada vez mais (Trecho da matéria publicada pelo Jornal Santa Catarina em 14 de agosto de 1976).

A segunda modalidade presente na cidade foi o skate vertical ou *vert*. O *vertical* consiste em rampas de skate as quais fazem com que o skatista faça a transição do plano horizontal para o plano vertical para

⁸ *Crew* significa um grupo de amigos que andam juntos de skate ou tem um projeto juntos no skate.

⁹ O recorte de jornal foi cedido pelo skatista Rogério Groh (Lelo) e encontra-se junto ao seu arquivo de memórias pessoais.

realizar manobras em suas bordas ou aéreas. O vertical foi introduzido na cidade também através de pistas em formato de U que eram feitas nas casas de skatistas com a contribuição coletiva de vários deles, que levavam tapumes e pedaços de madeiras para a construção. Em Blumenau, um dos mais conhecidos foi o *Half* do China, que ficava próximo a empresa Cremer¹⁰. Outros picos lembrados por um dos entrevistados foi uma pista na casa do Guido Hering, que era em formato de tigela rasa e tinha um pouco de vertical, mas a pista era acessada apenas por quem o conhecia. Inclusive, posteriormente a pista do Ramiro Ruediger foi nomeada como Pista Guido Hering¹¹.

Até os dias atuais, ainda há espaços com rampas verticais na cidade, sendo um deles o “*Half* do Marcião”, conhecida como *JAM* Skate Clube. Essa pista existe há mais de 20 anos e é mantida por um grupo de amigos; por conta disso, não é qualquer skatista que tem acesso ao lugar. Até pouco tempo atrás desta pesquisa ser concluída, havia um cadeado que dava acesso a ela, sendo que poucas pessoas tinham a chave. Atualmente, segundo relatos de quem anda neste *Half*, já não há mais o cadeado; mesmo assim, há um grupo específico que anda por lá. Normalmente, o grupo se reúne nas quintas-feiras para uma sessão e um churrasco. Como o espaço foi construído por skatistas *old school*, os jovens que acessam o lugar geralmente são convidados por serem amigos de algum skatista da velha geração.

A terceira modalidade na cidade é o *street* e consiste na apropriação de aparelhos urbanos presentes em praças e vias públicas, como assentos, escadas, corrimãos, entre outros. Quando a modalidade *street* é apresentada na pista, é basicamente o movimento de levar o que se pode ser encontrado na rua para a pista. Essa modalidade é a mais forte e solidificada na cidade até os dias atuais, sendo ela a que efetivamente sofreu com a repressão e a proibição do skate nas ruas da cidade.

¹⁰ A Cremer é uma empresa de produtos e serviços para o setor da saúde e está localizada na R. Iguaçú, 291, Itoupava Seca, em Blumenau /SC.

¹¹ Lei nº 7400 de 22 de junho de 2009.

Além dessas três modalidades citadas, é importante frisar que nestes primeiros anos havia uma janela grande para o experimento. Há relatos de skatistas que gostavam de transitar entre o vertical, o *street* e alguns ainda vivenciavam o surfe. Cabe dizer que entre essas modalidades, a que mais se apropria da cidade, sobretudo por conta da sua característica na utilização dos artefatos nela presentes, é a modalidade *street*, por isso, pode ocasionar mais desconfortos e conflitos nas relações entre cidadãos. Conflitos esses que podem ser solucionados ou acentuados de acordo com outros fatores do contexto local. O fato é que, o skate nas ruas de Blumenau começou a sofrer repressão desde final da década de 1980; entretanto, os skatistas da cidade começaram a denunciar as coibições que estavam sofrendo através da produção de *fanzines*. O skatista Leke, entrevistado nesta pesquisa, esteve na produção de vários desses *fanzines*. Eles buscavam patrocínio de empresas locais para viabilizar as cópias e então realizar a distribuição do material impresso. *Method*, *Animal* e *Skate Rock* foram os principais *fanzines* lançados nessa época. A *Method* e *Animal*, lançadas em 1989, traziam relatos da repressão que estava acontecendo ao skate já neste período.

Os relatos eram que não havia uma ordem clara e expressa por parte do poder executivo, inclusive porque segundo os skatistas, o filho do prefeito também andava de skate. No entanto, os skatistas narram através dos *fanzines* que havia uma proibição velada. Eles eram abordados por policiais e/ou guardas de trânsito que enfatizavam que o skate poderia causar “problemas” e/ou “perigo aos pedestres”. As descrições feitas pelos skatistas sobre essa época é que as abordagens já eram incabíveis e truculentas. No entanto, como não havia regulamentação, os skatistas posteriormente eram “liberados” sem ter seus skates apreendidos.

Neste contexto de circulação dos *fanzines* surgiu, em junho de 1991, a primeira organização de skate de Blumenau, denominada de

Associação Blumenauense de Skate (A.B.S.)¹². Com a cobrança ao poder público feita pela associação e com uma prática comum de empresas adotarem praças e espaços para revitalização, no mesmo ano de 1991, a Coca-Cola construiu uma pista para a prática de skate na Prainha¹³ (região central da cidade, ao lado do rio Itajaí-Açu). O projeto foi feito pelo skatista Leke, entretanto só parte dele foi executado.

Cabe destacar que a Prainha foi espaço de lazer, de prática de atividades e esportes de algumas gerações. Nesse local aconteciam eventos que reuniam milhares de pessoas; um deles foi um show de rock, chamado Skol Rock, em que a primeira edição ocorreu em 1993 em paralelo com a *Oktoberfest* e reuniu cerca de 300 mil pessoas durante os três anos no espaço da Prainha, consagrada como local de encontro e referência para as juventudes de Blumenau, que de alguma forma era um respiro após longos anos de ditadura militar e pós-impeachment de Collor. O skatista Kbeça relembra o significado da Prainha para a comunidade skatista da época em Blumenau:

Eu trabalhava, estudava e andava de skate. Era o meu mundo social. Era a galera do skate. Lá na Prainha era o ponto de encontro da galera. A gente não precisava combinar. Estava todo mundo lá sempre né? De segunda a segunda, 24 horas por dia. [...] Era o ponto de encontro sem hora marcada. Estava todo mundo lá. Você queria encontrar a juventude da cidade, você ia lá. Mesmo você não sendo skatista, ficava assistindo os skatistas, mas não necessariamente só assistindo, ficava interagindo,

¹² A Associação Blumenauense de Skate foi fundada no dia 01 de junho de 1991. Na primeira gestão estava o Fernando dos Reis (China) como presidente, Alessandro Mafra (Leke) como vice-presidente, Sabrina Kienen como primeira-secretária, Adriana Kuehn como segunda-secretária, André Ravache como tesoureiro, Alexandre Lechinski como diretor esportivo. Cabe ressaltar que a presença de mulheres nessa época acontecia porque eram namoradas dos skatistas e resolviam ajudar na associação, no entanto, os relatos são que elas não andavam de skate.

¹³ A Prainha está localizada Av. Brasil, 60 - Ponta Aguda, Blumenau/SC. Não há exatamente uma data que se registre o início da utilização da Prainha como lazer na cidade e os moradores contam histórias mais antigas que a primeira inauguração de estrutura do local que ocorreu em 9 de setembro de 1979, chamando de Praça Juscelino Kubitschek de Oliveira. Os moradores da cidade consagram este local como uma praça em que utilizavam inclusive para se refrescarem nas águas do rio Itajaí-açu, inclusive até os anos 50, havia um atracadouro para o serviço de travessia por balsa entre o distrito de Ponta Aguda e o centro da cidade. O apelido Prainha se origina da faixa de areia existente no local, até meados da década de 80 e utilizada como praia por parte da população.

tomando um vinho, conversando. A Prainha era nossa rede social. Lá as pessoas interagiam, se conheciam e até trocavam até cartas. [...] A prainha, ela era além, mais que uma comunidade, ela era o aconchego, ela o lugar que era a casa de todos (Entrevista com skatista Kbeça).

Se por um lado elencamos que um dos elementos desse período foi a dificuldade de comunicação entre as *crews* formadas pelas localidades (bairro da Velha, Garcia, Boa Vista), por outro lado é possível observar que a Prainha se tornou um elemento de unificação desses grupos. Porém, essa locomoção até a área central da cidade, onde ficava localizada a Prainha, continuou gerando incômodo e desconforto em autoridades e em parte da sociedade. A repressão continuava existindo, inclusive no espaço da Prainha.

A gente podia andar na Prainha, mas o que eles faziam... A PM aparecia na Prainha pra ficar jogando brita, eles jogavam brita na pista, e a gente não podia falar nada, lógico, vai falar? (Entrevista com skatista Kbeça)

Outros relatos também lembram da repressão que havia na própria Prainha. O skatista Damilton “Mib”, por exemplo, explica que:

Essa época era complicado andar de skate. Andar de skate na rua era complicado, até na Prainha era ruim. Até no próprio pico que era específico pra tu andar de skate, mesmo assim, a gente era reprimido lá no mesmo lugar (Entrevista com skatista Mib).

Novamente, teríamos na cidade de Blumenau um novo marco temporal no skate. Por isso, nas próximas linhas é necessária uma pequena pausa, olhar para o cenário amplo e novamente voltar os olhos para Blumenau.

Skate: uma história de proibições

São Paulo. 1986. O ex-presidente da República Jânio Quadros, que nesse período estava no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), assume

como prefeito da cidade o mandato de 1986 a 1989. Nessa época a sede da prefeitura estava instalada no Parque Ibirapuera, na Zona Sul da cidade. O mesmo parque era conhecido e chamado de forma intimista pelos skatistas de “Ibira”, que o utilizavam especialmente pelo piso liso e pela possibilidade de um lugar coberto com marquises para a prática em dias de chuva, o que não é um evento incomum na capital paulistana.

A proximidade na utilização do mesmo espaço por dois grupos distintos, comunidade skatista frequentadora do local e autoridades políticas, causou um incômodo no prefeito da cidade, que desde o primeiro ano de mandato apresentava indícios de que a prática da atividade seria censurada. Apesar de ainda não estar oficializada através de decreto, no segundo semestre do primeiro ano de mandato, Jânio já autorizava que policiais militares apreendessem skates, uma vez que alegava que a área era destinada para lazer e não a este “esporte”. Contestando esses movimentos do prefeito também surgiam as manifestações contrárias à proibição, em editoriais de revistas de skate de abrangência nacional, como a revista *Yeah!* (Brandão, 2014, p. 179).

Foi em maio de 1988 que Jânio Quadros decretava de forma oficial o que já estava acontecendo na prática no Parque Ibirapuera: a proibição dos skatismos no local estava impressa através de memorando no *Diário Oficial*. Mobilizados pela imobilização, os praticantes do skate organizaram uma passeata, que foi realizada no mês seguinte, precisamente no dia 23 de junho de 1988, reunindo em torno de 200 skatistas que se manifestavam com megafones e cartazes, além de uma carta com milhares de assinaturas pela revogação da lei e a construção de uma pista pública no local.

O trajeto do protesto, que teve início na Estação do Metrô Paraíso, foi interrompido quando o portão de acesso ao Ibirapuera foi fechado seguindo ordens do prefeito. As reivindicações também não seguiram o caminho idealizado pelos skatistas; um dia após a manifestação, no dia 24 de junho de 1988, o prefeito expandia a proibição da circulação dos skatistas por toda a cidade. Os praticantes de skate da modalidade *street*, passaram então a ser objetos da repressão e autoritarismo da força

policial. Jânio pedia, com o aval do poder judiciário e militar, a detenção dos que se negassem a cumprir seu decreto proibindo a prática desta atividade no leito das ruas e vias públicas.

A proibição foi contestada pela comunidade skatista e as principais revistas de skate do país também recebiam relatos e manifestações contrárias à medida imposta pelo ex-presidente e então prefeito. Além disso, no mesmo ano, antes das eleições municipais, os skatistas encontraram-se com a candidata a prefeita, Luiza Erundina, que nesse período estava no Partido dos Trabalhadores (PT), e essa se comprometeu a revogar a proibição caso fosse eleita. Em uma eleição vista como surpreendente, Erundina ganhou a gestão da prefeitura de São Paulo e logo na primeira semana de mandato cumpriu a promessa de revogação do decreto. Alguns jornais da época publicavam o retorno dos skatistas e evidenciavam a prefeita como uma apoiadora dos skatismos.

Em tempo menor ao correspondente de um ano, a censura à prática dos skatismos em uma das cidades mais importantes do país trouxe consequências que alcançariam espaços muito maiores do que apenas o território do município de São Paulo. Outras várias cidades pelo país viveriam movimentos idênticos e tão rigorosos quantos o iniciado no Parque Ibirapuera.

Blumenau. 1995. Quase uma década após os movimentos ocorridos em São Paulo, a cidade também tem em sua história um período marcado por repressão, proibição e enfrentamento à prática do street skate.

As duas cidades são bem diferentes nos aspectos geográficos e populacionais. No entanto, há uma similaridade no que se refere ao contexto em que a proibição fora validada e imposta. A aproximação entre atores políticos e comunidade skatista é um tópico que chama a atenção em uma matéria publicada na edição nº 107 da Revista

CemporcentoSkate de fevereiro de 2007¹⁴, a qual relatava, através de entrevistas com a população skatista de Blumenau, que a proibição teria ocorrido em decorrência de um acontecimento em que uma vereadora da cidade teria sido atropelada por um skatista.

A vereadora relatada pelos skatistas é a Yara Luef (Partido da Frente Liberal - PFL), que teve seu mandato de 1993 a 1996. Novamente, a prática da modalidade *streetskate* teria, de modo pessoal, gerado incômodo a uma autoridade política. A parlamentar apresentou no dia 10 de novembro de 1994 o projeto de Lei nº 2144/94¹⁵. Na justificativa do Projeto de Lei a vereadora apresentou o seguinte texto:

Tendo em vista os inúmeros acidentes que estão ocorrendo na cidade, provocados pelos ciclistas, sendo que, recentemente foi matéria do Jornal de Santa Catarina o atropelamento de uma senhora, que posteriormente foi submetida a várias cirurgias. Em razão da perturbação e transtornos, além da destruição de calçadas e passeios públicos, provocados pelos usuários de “skate”. Pelo desrespeito com que os ciclistas e usuários de “skate” tratam as pessoas que trafegam pelas nossas calçadas, já tão estreitas, com isso dificultando a passagem dos transeuntes. Entendo que o presente Projeto de Lei se constitui num meio de proteger a comunidade blumenauense, e como tal, deve receber apoio dos Senhores Vereadores, e conseqüente aprovação (Texto retirado do projeto de Lei nº 2144/94, apresentado pela Vereadora Yara Luef).

Em 18 de julho de 1995 o projeto foi aprovado, sancionado e promulgado como Lei nº 4492/95¹⁶ pelo prefeito na época, Renato de

¹⁴ Revista *CemporcentoSkate*, ed 107, 2007, p. 33-43. Disponível em: <https://issuu.com/editorazy/docs/cemporcentoskate_107> Acesso em: 27 de nov, 2023.

¹⁵ O projeto na íntegra encontra-se disponível em: <<https://digital.camarablu.sc.gov.br/documento/projeto-de-lei-no-2144-1994-4243>> Acesso em: 27 de nov, 2023.

¹⁶ LEI Nº 4492/95

(Revogada pela Lei nº 5211/1999)
REGULAMENTA O TRÂNSITO DE BICICLETAS, SKATES E BRINQUEDOS SIMILARES E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. RENATO DE MELLO VIANNA, Prefeito Municipal de Blumenau. Faço saber a todos os habitantes deste Município que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte lei:
Art 1º É proibido dirigir bicicletas, na contramão em ruas e avenidas, bem como sobre calçadas e passeios públicos do Município.
Art 2º É proibido andar de Skates e brinquedos similares nas calçadas e passeios públicos.

Mello Vianna (Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB). Os relatos já colocados acima descrevem que durante esse período de 1995 a 1999 essa Lei ainda era velada, pois o filho do então prefeito também praticava a atividade.

Por conta da lei de proibição ao uso do skate nas ruas, foram criados alguns movimentos que envolveram outros sujeitos para além dos skatistas na cidade de Blumenau, e isso no ato de somar esforços e viabilizar uma resposta ao poder público. Os mais importantes dessa época foram a criação da Associação Blumenauense pró-Ciclovias¹⁷, que foi fundada em março de 1997, mas formalmente estabelecida somente em 2003 e a criação da União Blumenauense de Esportes Radicais (UBER). Aqui, cabe destacar que a Associação Blumenauense de Skate (A.B.S.), que surgiu em 1991 com os skatistas Leke, China e Testoni, era um movimento de reivindicação por um espaço para a prática do skate em Blumenau, no entanto, ela era uma organização que não estava

Art 3º As infrações ao disposto nos artigos 1º e 2º desta lei, sujeita o infrator ou responsável às seguintes penalidades, aplicadas pelo órgão fiscalizador do Município ou por entidade delegada:

I - advertência por escrito em formulário próprio;

II - apreensão do veículo infrator;

III - Pagamento de multa, no valor de 1 (uma) UFM (Unidade Fiscal do Município);

§ 1º - Os objetos apreendidos serão recolhidos ao Depósito Municipal, cabendo ao Proprietário do bem, ou responsável pagar as despesas decorrentes da guarda e conservação.

§ 2º - É fixado em 1/10 (um décimo) da UFM (Unidade Fiscal Do Município) o custo diário da guarda e conservação de cada objeto apreendido.

§ 3º - A devolução do objeto apreendido será feita mediante comprovante que quitação do pagamento de encargos, correspondentes e dá multa na tesouraria do Município.

§ 4º - A reincidência da infração implica em multa em valor duplicado.

§ 5º - Os objetos apreendidos em finais de semana ou feriados somente serão devolvidos após o pagamento de encargos de guarda, bem como da multa, sendo que sábados, domingos e feriados serão computados para cálculo do custo diário da guarda e conservação.

§ 6º - Os objetos apreendidos que ficarem em depósito por prazo superior a 6 (seis) meses, serão considerados abandonados, indo a leilão.

Art 4º Fica o Poder Executivo autorizado a celebrar convênio com a Polícia Militar e outros, visando o amplo cumprimento do que trata esta lei.

Art 5º Ato do Poder Executivo regulamentará esta lei, no que couber, divulgando e regulamentando os locais para uso de skates ou brinquedos similares.

Art 6º Esta lei entrará em vigor 90 (noventa) dias após a data de sua publicação.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU, em 18 de julho de 1995.

RENATO DE MELLO VIANNA

Prefeito Municipal

¹⁷ Mais informações sobre a ABC Ciclovias no site da Associação, disponível em: <www.abciclovias.org.br> Acesso em: 27 de nov, 2023.

formalizada. Com a construção da pista de skate na Prainha, seu objetivo foi atingido e aos poucos os skatistas que estavam à frente da A.B.S., segundo o Leke, foram sendo menos ativos, o que fez com que a organização acabasse.

Em conversa com o atual presidente da Federação Catarinense de Skate (FCSKT), Ramon Bagnara, ele reforçou que a A.B.S. e posteriormente UBER foram a primeira iniciativa no estado de Santa Catarina no que se refere à organização de associações. O presidente da FCSKT também relatou que por muitos anos Blumenau esteve como uma das cenas mais importantes no Estado de Santa Catarina.

Assim, quando surgiu a União Blumenauense de Esportes Radicais (UBER), formalizada em maio de 1998, essa buscou unir especialmente praticantes da bicicleta – que também utilizavam do espaço da Prainha – e os skatistas, para que deste modo se alcançasse mais força política. Amplia-se e transforma-se a Associação Blumenauense de Skate (A.B.S.) para União Blumenauense de Esportes Radicais (UBER), que nessa nova articulação teve na pessoa de George Gonçalves seu primeiro presidente. Além do enfrentamento ao que estava sendo vivenciado com a proibição da Lei 4492/95 (a qual proibia o skate), também se buscava a reforma do único espaço público existente para prática de skate na cidade.

A construção inicial da Prainha não contemplou o que havia sido proposto no projeto (contou com uma concha acústica, rampas que não faziam boas transições e um *quarter*). Além disso, a Prainha também necessitava de reparos nos equipamentos já construídos. Para isso, a organização da UBER como associação formalizada e a realização de eventos foram essenciais. Foram organizadas três edições do campeonato denominado “*Help!*” pelos membros da associação. Além disso, com a arrecadação de recursos, novos obstáculos foram criados, como corrimão, caixotes, entre outros.

O Help é o início da Uber né? Em maio de 98 a gente criou a associação, porque em janeiro, fevereiro, março, abril... A gente vinha tentando uma reunião com o prefeito, era o Décio Lima na época, e a gente tentava uma reunião com ele e tal, até que um dia ele recebeu a gente e aí a gente

chegou e pediu uma pista, queria uma pista porque não dava mais, não tinha mais condições de andar na prainha porque não tinha como evoluir né? a nossa evolução era nas ruas só que nas ruas não podia andar então ou se quebrava a lei... Então, eu aprendi muito né, eu aprendi a política, hoje eu me considero quase político na real né? Porque eu passei 20 anos fazendo política né (referente à Uber). E aí o Décio perguntou pra gente né! Tipo assim, vocês são o que? Vocês são uma galera? Vocês são uma associação? Vocês são o que? Daí em diante, deu um estalo na mente (Entrevista com skatista George Gonçalves).

Em 20 de maio de 1998 acontece a eleição e primeira reunião da UBER e em agosto do mesmo ano foi feita a primeira reforma no espaço da Prainha, organizada e realizada pelos próprios skatistas com apoio da Fundação de Esportes e de empresas privadas. Apesar do apoio de alguns órgãos nesse primeiro momento e da própria construção inicial ser iniciativa do Poder Público, a Prainha também começou a se constituir como um primeiro espaço *DIY* (*Do it Yourself* ou faça você mesmo).

Apesar da formalização da UBER ser uma resposta à conversa citada pelo George Gonçalves com o então prefeito Décio Lima, se percebe a insuficiência do Poder Público para compreender as reivindicações feitas pelos skatistas, sobretudo porque em 17 de maio de 1999, o prefeito decretou a Lei Nº 5211/1999 (Brandão, 2016, p. 724). Se em São Paulo a prática da Erundina (PT) era a de incentivo ao skate, em Blumenau/SC, o prefeito também do Partido dos Trabalhadores, Décio Nery de Lima, assinava o decreto de proibição que ficaria em vigor por quase uma década.

Os anos de 1999 a 2007 foram os mais severos para o skate em Blumenau, a repressão estava legalizada e os skatistas sabiam que andar pelas ruas era colocar-se em perigo. Alguns entrevistados corriam da polícia quando ela se aproximava, alguns jogavam seus skates em terrenos baldios, alguns iam ao enfrentamento e outros tinham a sorte de experimentar uma abordagem ‘tranquila’ porque diziam usar as palavras ‘certas’.

O fato é que indagar sobre a proibição ao skate com os entrevistados foi um desafio. É nítido perceber que a repressão criou

memórias dolorosas para todos eles, independente se o entrevistado tenha sofrido diretamente com as abordagens violentas e repressivas ou só tenha tido contato com essa experiência através do relato de outros skatistas.

Comparada à minha época, isso aqui [repressão nos dias atuais] é uma nuvem, um céu. Repressão mesmo, é você tá andando de skate na rua e para uma D20 da polícia cheio de PM com cassetete de borracha. Não é nem de madeira, é de borracha, elas foram proibidas depois. Eles [os PMs] falavam assim: tira o tênis. ‘Pápápá [o entrevistado fez movimentos como se tivesse batendo em alguém], tu não vai mais andar aqui, pode ir pra casa. Embaixo do pé não aparece né? Aí fica uma semana sem andar. Isso pra mim é repressão. [...] Após a ditadura militar, ainda tinha muito militar sabe? Que eram os velhão. Eles ainda agiam. Agiam como na época [da ditadura], um pouco ameno porque nós era criança (Entrevista com skatista Kbeça).

Em 2007, a Revista *CemporcentroSkate* descrevia em suas páginas, uma sessão proibida pelas ruas de Blumenau como um “manifesto pela liberdade”. Tal publicação foi elemento vital na busca de revogação das Leis n°s 5.211, de 17 de maio de 1999 e 6.152, de 25 de abril de 2003. A revogação da proibição à prática do skate ocorreu então em 10 de outubro de 2007 pela Lei N° 7161. Junto ao movimento de pedir pela revogação, havia também o pedido de um novo espaço para a prática dos skatismos na cidade, tendo em vista que o único espaço era a Prainha que se encontrava em estado de abandono e danificação. O governo da época, ainda sob a gestão do Décio Lima, inaugura então em 1994, o Parque Ramiro Ruediger e dentro desse parque promete criar um espaço para a construção de uma pista de skate (a pista foi inaugurada em 2009).

Mesmo com a proibição da modalidade *streetskate* nas ruas de Blumenau e a repressão à prática da atividade durando quase uma década, somando-se ainda a falta de incentivo e de políticas públicas para

os praticantes, a comunidade skatista da cidade manteve-se ativa¹⁸ com suas contradições, desafios e potencialidades.

A busca incansável por “picos”: construindo a resistência sobre rodas

As reformas na Prainha realmente aconteceram depois de 1998 e transformaram o local numa pista skatável: colocaram escada, corrimão, caixotes. A quadrinha de skate da Resistência Crew¹⁹ como pista *DIY* também surge com inspirações na Prainha; alguns skatistas entrevistados relatam que encontram na Quadrinha da Resistência Crew esse espírito de coletividade que existia na Prainha.

Fato é que o presidente da UBER, o skatista George Gonçalves, muda-se de Blumenau em 2002 e fica distante da UBER até 2005. Nesse período a cena do skate passa a acontecer de outras formas na cidade, mas institucionalmente pela UBER não acontecem grandes marcos e eventos. Em 2005, através de um projeto em parceria com o Governo Federal, especificamente o Ministério do Turismo, a Prainha é fechada para revitalização. A revitalização também estava prevista no Plano Estratégico Blumenau 2005-2020. Desde então, a Praça Juscelino Kubitschek (onde fica a Prainha) já passou por algumas revitalizações, nenhuma delas contemplando uma área para o skate ou de “esportes radicais”. Recentemente também foi aprovado o Plano Estratégico de Desenvolvimento Econômico Municipal de Blumenau 2030, complementados com o Projeto Blumenau 2050 que prevê um novo *layout* para a reurbanização da Prainha²⁰.

¹⁸ Um desses movimentos foram as escolinhas para skatistas que ocorreram sobretudo entre os anos 1999 e 2002, tendo como professor, o skatista e presidente da Associação de Skate, George Gonçalves. No entanto, será preciso abordar tal temática com maior profundidade em outros artigos.

¹⁹ Localizada no bairro Boa Vista.

²⁰ Projeto Blumenau 2050. Disponível: <http://iab-sc.org.br/concursoblumenau/wp-content/files/BNU2050/pmb_blumenau2050_revista.pdf> Acesso em: 27 de nov, 2023. - Plano Estratégico de Desenvolvimento Econômico Municipal de Blumenau – PEDEM, disponível em: <file:///C:/Users/camil/Downloads/pedem_blumenau.pdf> Acesso em: 27 de nov, 2023.

Em 2005, quando o único espaço para a prática de skate foi fechado, o que se percebe é uma juventude que estava no auge do avanço do skate na cidade e que a partir desse momento teve dois caminhos: o primeiro era parar de andar de skate; e o segundo, encontrar picos na clandestinidade, tendo em vista que a Lei de proibição ainda estava em vigor e que não havia um espaço regulamentado para a prática na cidade. O entrevistado, Kbeça, reforça esse sentimento que perpassou essa geração de jovens, skatistas ou não.

Quando eles arrancaram a prainha... Estragaram tudo. Pra que tirar tudo da Prainha? Quando fizeram isso, eles arrancaram o coração de toda uma geração (Entrevista com skatista Kbeça).

É possível identificar uma contradição, ou dois olhares distintos e que em algum momento se entrecruzam nas entrevistas com os skatistas sobre a época da proibição à prática do skate e os últimos anos da Prainha. Alguns entendem que esse período da proibição foi o momento de maior união entre os skatistas e que a Prainha era esse lugar central de encontro. Outros entendem que esse período foi marcado pela desistência de muitos skatistas e pela dificuldade de inserção de novos praticantes, especialmente da modalidade *street*, na cena do skate no município. O que os skatistas falam de modo muito similar é que havia resistência por parte de quem continuou praticando a atividade, especialmente na busca de lugares em que fosse possível praticar sem sofrer perseguição policial ou ter o skate apreendido. O skatista Cristiano Miranda, conhecido como Teatro, relembra como foi difícil vivenciar isso, sendo adolescente.

Eu peguei bem essa parte aí, tá? Inclusive em 2007. Se eu não me engano, foi quando eu me machuquei, então até aí eu estava bem ativo no skate. Era aquela época que eu estava meio que querendo seguir carreira, né? Pro skate realmente repressão é uma palavra boa. Às vezes a gente estava andando na calçada ou na rua, mas meu, indo pra Prainha assim só remando e passava o carro ou guarda de trânsito e te abordava e muitas vezes levava o teu skate, ele te dava uma multa igual de carro. Aquelas onde se tem

que marcar “esse para-choque tá arranhado, não está?” Quando vai guinchar, sabe? Então ele te dava uma multa de veículo e levava o teu skate e aí isso geralmente acontecia de fim de semana. E aí durante a semana a gente tinha que ir lá pagar 25 reais na época e escolher um dos skates que estavam lá. Ou seja, tu podia até levar um outro, de tanto skate que tinha lá. Você tem ideia? Então rolou muito disso, era bem ruim, tanto a polícia de trânsito quanto a polícia militar, eles faziam esse tipo de abordagem e era uma abordagem bem filha da puta. Assim, para ser bem sincero, a militar mesmo era bizarro, porque pra eles todo mundo era drogado, tinha um skate debaixo do braço? “Drogado”. Então eles faziam sim, uma abordagem de... meu... de droga. Revista vai, toma mochila, revista, no seu bolso... perguntava, o que você fazia da vida, né? Com quem tu morava, quem que era tua mãe? Quem que era teu pai? Isso! E nós tínhamos 15/16 anos e tinha gente menor que eu ainda. Então era bem desagradável (Entrevista com skatista Cristiano Miranda, vulgo Teatro).

O relato do skatista demonstra o quando a repreensão era utilizada com os skatistas. A maneira que os skatistas encontravam de continuar a evolução era encontrar espaços seguros para a prática. Neste sentido, é difícil fazer um mapeamento de todos os “picos” encontrados e pelas várias épocas que eles foram sendo ocupados. Entre 2006 e 2009 de fato fica um vácuo por não haver nenhum local ou nenhuma pista regulamentada na cidade. O caminho não é linear. Além disso, se fortaleceram as *crews*, ou seja, houve o período da segmentação por bairros, em seguida houve o período do ponto central de encontro na Prainha e, com o seu fechamento, novamente há a separação de grupos pela cidade.

Na época, algumas Skate Shops²¹ foram fundamentais no incentivo para que a modalidade *street* fosse preservada, para que os skatistas continuassem motivados e ao mesmo tempo que se chamasse atenção dos órgãos públicos. Uma delas e a mais importante dessa época, citada por quase todos os entrevistados, foi a U1000D, inaugurada no ano de 2003 e tendo como proprietário o skatista Juka (Giuliano Tamanini). A U1000D fez alguns eventos e campeonatos importantes

²¹ Lojas de Skate.

para a cena local, o mais conhecido entre a galera é o “U1000D Original de Rua”, que teve três edições e trouxe a participação de skatistas de vários locais. Além disso, a U1000D também era apoiadora da cultura hip-hop, unindo os campeonatos de skate com premiêres e batalhas de Rap.

George Gonçalves retorna à cidade em 2005 e reassume as atividades da UBER. O Parque Ramiro passou a ser novamente alvo de cobrança da associação. Enquanto o Ramiro não ganhava a tão requerida pista, campeonatos no asfalto do Parque²² eram organizados com caixotes e rampas móveis. O Ramiro já se tornava um ambiente dos skatistas, no entanto, a alta procura pelo local e poucos equipamentos “skatáveis” fazia com que os praticantes fossem em busca de mais picos ou de materiais para construir obstáculos no Ramiro. Numa dessas buscas, dois skatistas entraram no Ginásio Sebastião Cruz, conhecido popularmente por Galegão que na época estava fechado. Ao entrar, eles se depararam com um piso liso e a vontade de andar foi instantânea.

[O Galegão] era uma pista invadida. Eu andei no primeiro dia no Galegão, as primeiras pessoas a encontrarem o Galegão foi eu e o Pablo. A gente entrou lá, nem lembro porque deu na Telha de nós entrar lá... ah, a gente entrou lá para ver se tinha alguma coisa pra usar de obstáculo, madeira, essas coisas, que a gente andava fora ali, no asfalto do Ramiro. Quando a gente chegou, entrou lá, a gente viu o chão e as coisas tudo abandonada lá e sujo, e soltamos: vamos andar aqui. E aí a gente começou a andar e eu lembro muito bem desse dia, porque eu caí. Eu estava muito sujo, chão e tinha madeira e coisa. E aí eu fui dar uma remada e a rodinha encaixou numa madeira e eu caí no chão e sai rolando e eu me sujei todo, parecia um empanado assim, ó, porque o chão estava muito sujo. Eu lembro do Pablo falando, porra, agora tu já limpou, pode andar nesse lado aí e é, foi bem isso mesmo. Aí a gente chamou mais uma galera, né? Começou a varrer, limpar e tal. E pô, aí foi uma fase muito legal de skate, isso aí foi em 2007/2008. Andamos mais ou menos 2 anos por lá (Entrevista com skatista Cristiano Miranda - Teatro).

²² Atualmente nesse mesmo lugar há equipamentos de ginástica instalados.

O Galegão passou a ser instrumento de resistência e evolução dos skatistas. Dentro do Galegão foi realizada a sequência de fotos que saíram em 2007, na Revista *CemporcentroSkate*, já citada neste artigo. A publicação se tratava de uma sessão proibida com alguns skatistas em que se pedia por democracia e liberdade para a prática do skate nas ruas da cidade. Além disso, as fotos marcaram uma manobra bem difícil porque o Vitor Gonçalves “pulou” com o skate da arquibancada, algo que foi expressivo para toda cena local.

Em conversas com alguns skatistas eles lembram que o espaço do Galegão era usufruído pela população em situação de rua e por pessoas em situação de drogadição. Os skatistas relataram que suas presenças "afugentavam" essa população. De certo ao ouvir esses relatos, aparecia o questionamento se por algum instante os skatistas que estavam à margem também poderiam marginalizar outros grupos. Essa narrativa é também um lugar de contradição para os skatistas. Alguns dos entrevistados reconhecem que ao mesmo tempo em que sofriam pelo preconceito colocado sobre eles, também de certa maneira, especialmente nas décadas de 90/2000, viam skatistas agirem de forma preconceituosa sobre outros grupos marginalizados, como a população LGBT e as mulheres (que precisavam cavar lugares de reconhecimento dentro do skate e que até os dias atuais não têm expressão na cena local).

Nesse sentido, é preciso afirmar que há múltiplas compreensões da prática cidadina dos skatistas e que elas sofrem modulações conforme interesse de governos e grupos. Machado (2022) descreve as estratégias institucionais e os combates políticos-urbanísticos quanto ao que é considerado indesejável ou quais são os indesejáveis na apropriação da cidade. O autor diz que:

Nas áreas degradadas mencionadas, embora originalmente não tivessem sido planejadas para a prática do skate, a presença dos skatistas seria aceitável na medida em que suas apropriações contribuíssem para dispersar demais cidadãos por vezes considerados como marginais, como usuários de drogas e moradores de rua. Já nas áreas enobrecidas da cidade [...] são os próprios skatistas que se tornam alvos de dispersão, posto que

nelas as suas presenças e usos vernaculares se destoam das lógicas esperadas para as paisagens de tais contextos (Machado, 2022, p. 252-253).

Apesar disso, há muitas histórias que foram contadas pelos skatistas de aproximação deles com grupos que historicamente também sofriam com a marginalização. De alguma forma os skatistas não queriam ser colocados em um lugar que não estavam: “a gente era visto como drogado, como bandido”; essas são frases que facilmente todo skatista fala quando lembra desse tempo de proibição. Esse olhar discriminatório também passa por um “corpo estranho” que ocupa a cidade. As calças largas, o barulho do skate, a forma de se comunicar e como enxergam a sociedade, as músicas que escutam, tudo isso não é obrigatório para o ingresso de um jovem no skate, mas é parte da identidade desse grupo. A questão que fica é: seriam essas as comunicações identitárias que geraram “perturbação e transtornos” à vereadora que propôs a lei de proibição? Não é possível saber. Não há outros documentos anexados à lei que tenham vindo de moradores da cidade ou organizações da sociedade civil organizada, então não é possível desvendar qual seria a porcentagem da população de Blumenau que a apoiaria em 1995. No entanto, os skatistas relatam que sentem que seu corpo e sua presença na cidade foram considerados por vezes um desvio. O filósofo Michel Foucault, quando aborda o corpo utópico e as heterotopias que são esses lugares de desvio daquilo que é construído num espaço de tempo, retrata também um:

Corpo incompreensível, corpo penetrável e opaco, corpo aberto e fechado: corpo utópico. Corpo absolutamente visível, em um sentido: sei muito bem o que é ser olhado por alguém da cabeça aos pés, sei o que é ser espiado por trás, vigiado por cima do ombro, surpreso quando percebo isso, sei o que é estar nu; no entanto, este mesmo corpo que é tão visível, é afastado, captado por uma espécie de invisibilidade da qual jamais posso desvencilhá-lo (Foucault, 2013, p.10).

Em uma dessas histórias contadas nos rolês com os skatistas, um deles disse que houve um dia nesses dois anos (entre 2007 e 2008) em

que estavam andando no Galegão e se deram conta que havia policiais em todas as portas e saídas do ginásio. Todos com armas apontadas na direção dos skatistas. O skatista que fez esse relato contou que falou para o policial que a ocupação do Galegão por eles estava fazendo daquele lugar um espaço limpo e preservado, então eles foram liberados pelos policiais. O ginásio inaugurado na década de 1970 e que havia passado longos anos com a construção incompleta, teve sua reinauguração em 2008 e até hoje sedia eventos importantes na cidade, porém nenhum voltado ao skate.

Do lado de fora do Galegão, as obras para a construção da pista de skate seguiam. O entrevistado George Gonçalves relata que a UBER acompanhou a construção da pista do Ramiro. Na época foi realizada uma Audiência Pública, organizada pela Vereadora Maria Emília de Souza. No mesmo período quem estava à frente da pasta da Fundação Municipal de Esportes era o Secretário Sérgio Galdino e, segundo o presidente da UBER, era um sujeito de fácil acesso e diálogo. George Gonçalves afirma que na época, junto com a Fundação de Esportes, foram definidos os valores que estavam disponíveis junto ao governo do estado e o projeto que seria realizado. O contrato foi fechado com uma empresa de São Paulo e a ideia inicial era que a pista contemplasse a modalidade *street* e mais um *bowl*²³; no entanto, a prefeitura alegou não ter recursos suficientes e o projeto foi cortado, contemplando apenas a modalidade *street*.

Com uma série de lacunas entre a necessidade de reforma na Prainha em 1998 até o seu completo fechamento em 2005 e revogação da Lei de proibição em 2007, a pista de skate no Parque Ramiro Ruediger é finalmente inaugurada em 2009. Foram 10 anos entre esses acontecimentos.

Considerações finais

²³ Pista de skate no formato de uma bacia.

Nesse artigo a intenção era historicizar o surgimento e desenvolvimento do skate na cidade e sua continuidade desde os anos de vigor e revogação da Lei de proibição dos skates nas ruas até a construção e inauguração da pista do Parque Ramiro Ruediger. É importante destacar que este artigo é somente uma parte inicial da origem e consolidação da prática em Blumenau/SC, que a história, com os desafios e avanços seguiram sendo configurados até os dias atuais em vários territórios e bairros da cidade.

Nessa janela de tempo também é possível destacar que o skate obteve evoluções, estagnações e retrocessos desde a sua origem simples e orgânica surfando pelas ruas de Blumenau, até as primeiras organizações com associação e representação de skatistas na cidade. O skate foi tomando formas que transcendem sua única ocupação como lazer, o skate tornou-se parte da geração de vários jovens que foram ocupando as ruas e também de certo modo, coibidos a elas, através da proibição.

O skate em Blumenau, além das ruas da cidade, passou também a ocupar espaços importantes, como a Prainha, cenário coletivo em que era possível identificar importantes traços da cultura jovem na cidade. Sendo que, especialmente nas décadas de 1900 e 2000, os jovens também encontravam no skate uma forma de se expressar e viver o que denominam de liberdade. A prática passa assim a integrar uma gama de indivíduos conectados e com ideias para uma configuração de cidade que coubesse essa atividade.

Inúmeros foram os territórios que os skatistas incorporaram ao circuito da prática do skate na cidade. Em tempos distintos, com objetivos diferentes, públicos ou privados, *DIY* nas ruas ou lugares privados, os territórios e pistas ocupadas foram diversos, mas todos eles tiveram em comum a necessidade de manter acesa a atividade na cidade. Algumas das provocações que fazíamos antes de iniciar as pesquisas eram: “As pistas são espaço de liberdade ou de limitação? As pistas são uma forma de controle aos skatistas na ocupação da cidade?”. Todas essas perguntas ainda não têm uma resposta concreta. No entanto, nesse

momento, cabe colocar uma conversa que houve com o skatista Santiago: “E aí Santiago? O que você diz? O espaço das pistas é liberdade ou limitação?”. Ele respondeu: “Não sei se são liberdade ou limitação. Sei que pistas geram pistas, pistas geram skatistas, pistas levam os skatistas para a rua. Pistas não são ruins. Mas o skate não é só pistas”.

Referências

- BRANDÃO, Leonardo. História da proibição do skate em Blumenau/SC (1999-2007). *Estudos Ibero-Americanos*, v. 42, n. 2, p. 724-743, 2016.
- BRANDÃO, Leonardo. *A cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural*. Universidade Federal da Grande Dourados, 2011.
- BRANDÃO, Leonardo. *Para além do esporte: uma história do skate no Brasil*. Edifurb, Editora da FURB, 2014, p. 179.
- DESLANDES, Suely Ferreira. A construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 17 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p.31-50.
- FOUCAULT, Michel. O corpo utópico, as heterotopias. *São Paulo: n-1 edições*, p. 33-55, 2013.
- FURTADO, Heitor Luiz; QUITZAU, Evelise Amgarten; SILVA, Marcelo Moraes. Blumenau e seus imigrantes: apontamentos acerca da emergência de uma cultura física (1850-1899). *Movimento*, v. 24, p. 665-676, 2022.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1994.
- MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. *A cidade do skate: sobre os desafios da cidadinidade*. São Paulo: Editora HUCITEC/CAPES, 2022.
- MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. *A cidade dos picos: a prática do skate e os desafios da cidadinidade*. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. *De carrinho pela cidade: a prática do street skate em São Paulo*. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- TUBINO, Manoel. *O que é esporte*. Brasiliense, 2017.